



## **Comunicação, Linguagem e Identidade <sup>1</sup>**

Prof.Dr.Carlos Henrique Medeiros de Souza<sup>2</sup>  
Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF

Marco Aurélio Borges Costa<sup>3</sup>  
Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF

### **Resumo**

Este artigo propõe apresentar algumas considerações sobre a relação existente entre a Comunicação, a Linguagem e a Identidade desenvolvendo um resgate histórico a partir de algumas abordagens antropológicas. Com o novo espaço que esta se constituindo com o avanço das redes, muda-se o conceito de vizinhança e de localidade. Um sujeito diferente emerge, onde a multiplicidade de identificações o tornam um ser “plural” nesta rede, apesar de sua singularidade humana.

**Palavra-chave:** ciberespaço; cibercultura; abordagem antropológica.

### **Introdução**

#### **1. A identidade como problema**

A pertinência atual dos estudos sobre identidade se deve, primeiramente, ao fato de que ela se revela ao nosso tempo como problema. Primeiro, um problema de homogeneização, quando o estado moderno, como condição de sua consolidação, precisa suprimir a primazia da vizinhança e da localidade como fornecedora principal de significado aos indivíduos na construção de suas identidades, substituindo por uma noção de país, povo e nação, conceitos totalmente desconhecidos para a maioria das pessoas, principalmente do interior da Europa e das Américas até alguns séculos atrás. Num segundo momento, em nossa época, a identidade mostra sua outra face quando a artificialidade da construção identitária da nação entra em colapso, e ela se revela como algo inventado e não descoberto; como um esforço e um objetivo, algo que se constrói a partir das alternativas que se apresentam ao indivíduo (BAUMAN, 2005).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado a Sessão de Temas Livres do XXVIII Congresso da Intercom

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação pela UFRJ, Professor da Universidade Estadual Darcy Ribeiro – UENF;

<sup>3</sup> Cientista Social, Mestrando em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF.



Sem dúvida, uma e outra face do problema da identidade estão intrinsecamente ligadas ao contexto da época e as condições e necessidades que lhe são impostas. Bauman (2005) nos diz que:

Houve um tempo em que a identidade humana de uma pessoa era determinada fundamentalmente pelo papel produtivo desempenhado na divisão social do trabalho, quando o estado garantia (se não na prática, ao menos nas intenções e promessas) a solidez e a durabilidade desse papel, e quando os sujeitos do Estado podiam exigir que as autoridades prestassem contas no caso de deixarem de cumprir suas promessas e desincumbir-se da responsabilidade assumida de proporcionar plena satisfação dos cidadãos. (BAUMAN, 2005, p 52).

Outros pensadores vêm trabalhando a questão da identidade sob o prisma sociológico, e, ao que parece, convergem para o pensamento de que, atualmente, a identidade se orienta por uma racionalidade objetiva e que não é uma preocupação contemporânea uma identidade fixa e coesa (BAUMAN, 2005).

Podemos exemplificar com a visão de alguns autores. A respeito desse tema, Stuart Hall (1999) afirma que no decurso da história, três tipos de sujeitos se revelaram, dotados cada um de um tipo de identidade diferente: o **Sujeito do Iluminismo**, que se apóia na concepção de um sujeito centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. O centro essencial do eu é a identidade de uma pessoa; o **Sujeito sociológico**, que proclama a produção do sujeito na relação com os outros, numa concepção interativa com os valores, sentidos e símbolos, ou seja, a cultura, em que o eu real é formado e modificado num diálogo contínuo com o mundo e a cultura; por fim, o **Sujeito pós-moderno**, que de acordo com ele não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. O sujeito se torna uma celebração móvel, que se transforma continuamente em relação às formas e os sistemas culturais que o rodeiam. É definido historicamente e assume diferentes identidades em diferentes momentos, que não se unificam ao redor de um “eu”.

Castells (2002) apresenta outra abordagem para a questão. Para ele, a identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo ou em conjunto de atributos culturais (p22) e é construída por um processo de individuação. Castells admite a possibilidade de um mesmo ator ter múltiplas identidades, e define que “(...)



identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções.” (2002, pg23), considerando o significado como a identificação simbólica.

Já Michel Maffesoli (1998) trabalha com a idéia de que na pós-modernidade nós temos não uma multiplicidade de identidades, mas identificações. Ele entende que as identificações são temporárias, sem um compromisso contínuo e sem uma contigüidade geográfica e espacial. As identidades foram superadas por uma espécie de deriva, nomadismo, representado na instabilidade das filiações, no turismo, na socialidade da internet, na religiosidade desinstitucionalizada. Argumenta que nas sociedades pluralistas, até mesmo o sexo é uma construção pontual. Essas identificações se dão em torno de novos totens, objetos e imagens que se tornam vetores de agregação, legitimando o agrupamento em forma de novas tribos, exercendo o papel antes reservado à religião.

## **2. Linguagem e Comunicação – princípios antropológicos**

É difícil precisar quando, porque e de que forma surge a linguagem na humanidade. Para o bioantropólogo Walter Alves Neves, do Laboratório de Evolução Humana do Instituto de Biociências da USP, o surgimento da linguagem articulada, ou da fala propriamente dita, está diretamente associada ao surgimento de um mundo simbólico na humanidade. De acordo com ele, os registros que revelam essa capacidade no homem se encontram entre 45 mil anos e 80 mil anos. Assim, de acordo com Neves, a fala surgiu muito tardiamente no processo evolutivo da humanidade, considerando os mais de 6 milhões de anos de evolução<sup>4</sup>. Tratando da questão da linguagem em uma abordagem mais ampla, Richard Leakey, em obra dedicada à evolução humana (1997) se diz “(...) convencido pelos indícios oriundos dos cérebros fossilizados de que a linguagem começou a evoluir com o primeiro aparecimento do gênero *homo*<sup>5</sup>”. Leakey defende, baseado em indícios anatômicos, a versão de uma evolução primitiva da linguagem, sucedida por uma melhoria gradual nas habilidades lingüísticas. Outros estudos revelam indícios da presença da área de Broca e de Wernicke gravada nos crânios fossilizados de espécies como o *Homo Habilis* e *Australopithecus Africanus*, o

---

<sup>4</sup> *Walking with the Caveman – O HOMEM DAS CAVERNAS* - BBC Londres/ Lançado no Brasil por superinteressante. Duração: 99' Extra: 18'19" Legendas: português Áudio: inglês. Entrevista com o Bioantropólogo Walter Alves Neves (Laboratório de Estudos Evolutivos do Instituto de Biociências da USP), considerado maior especialista brasileiro em evolução humana (extras).

<sup>5</sup> Entre dois e três milhões de anos atrás, conforme as teorias mais aceitas atualmente (LEAKEY, 1997)



que permite inferir que essas espécies de cerca de dois milhões de anos atrás já possuísem competências relacionadas à linguagem (EDGAR, JOHANSON, 2001).

E a comunicação? De acordo com Carlos Paris (2004, pg290), “(...) a simples presença de um animal no campo perceptivo de outro esboça já uma comunicação primária.” Mas essa perspectiva ampla é insuficiente para descrever o processo comunicativo humano, que ao longo dos séculos acumulou um enorme repertório simbólico que é utilizado nas mais variadas linguagens para comunicar sentidos, sentimentos e informações em geral. Esse repertório simbólico, antes estava circunscrito a um espaço e uma história que se desenvolvia nesse espaço, é a matéria prima para a construção de identidades, que vão permitir ao indivíduo se reconhecer diante do outro em geral.

### **3. Identidade e comunicação**

Observamos que a temática da identidade é sempre abordada estabelecendo-se uma comparação entre dois momentos principais nos quais a identidade se apresenta como problema: o primeiro quando percebemos o projeto homogeneizador da modernidade, marcado pela metáfora da solidez. No outro, o projeto heterogeneizador da pós-modernidade, marcado pelo símbolo da liquidez (BAUMAN, 2000).

Sobre esse projeto sólido da modernidade:

A modernidade pesada era, afinal, a época de moldar a realidade como na arquitetura ou na jardinagem: a realidade adequada aos veredictos da razão deveria ser “construída” sob estrito controle de qualidade e conforme rígidas regras de procedimento, e mais que tudo projetada antes da construção. Era uma época de pranchetas e projetos – não tanto para mapear o território social como para erguer tal território até o nível de lucidez e lógica que só os mapas são capazes. Era uma época que pretendia impor a razão a realidade por decreto, remanejar as estruturas de modo a estimular o comportamento racional e a elevar os custos de todo comportamento contrário à razão tão alto que os impedisse. (BAUMAN, 2000, pg 58).

A identidade fixa, pesada, imóvel e inflexível era uma fonte de segurança e estabilidade na modernidade, e se adequava ao contexto da produção industrial em massa. Também era a proposta correspondente à mentalidade política da época, na qual



os nacionalismos eclodiam e os estados-nações afirmavam-se por todo o globo, colocando sob uma mesma identidade nacional pessoas de etnias diferentes e às vezes inimigas.

Correlacionando esse momento da problemática da identidade com a comunicação, percebemos que corresponde ao paradigma um-um e um-todos, com o advento do telefone e dos meios de comunicação de massa.

Com esses meios de comunicação de massa, temos a Indústria Cultural, objeto da crítica dos teóricos de Frankfurt. Essa indústria cultural que massifica e aliena, padronizando identidades e excluindo qualquer possibilidade de construções identitárias individualizadas.

No segundo momento, o da liquidez, a identidade é marcada pela ambivalência contínua que resulta em dissonância cognitiva (BAUMAN, 2005, pg 99). A essa ambivalência está associado o medo de que não nos seja permitido sermos que gostaríamos de ser, construirmos a identidade que gostaríamos, não atingirmos nossos objetivos ou recebermos por atribuição uma identidade de subclasse. Tememos não conseguirmos nos construir a semelhança das referências que nos são apresentadas de tantas formas pela mídia e pela cultura atual, que produz novos mitos como se produzem novas novelas, novos desenhos animados ou filmes.

Para Bauman (2005), a Mídia:

(...) fornece a matéria bruta que seus leitores/telespectadores usam para enfrentar a ambivalência de sua posição social. A maioria do público de tv está penosamente consciente de que teve recusado o ingresso nas festividades mundiais policulturais. Não vive, e não pode sonhar viver, no espaço global extraterritorial em que habita a elite cultural cosmopolita. À multidão de pessoas que teve negado o acesso à versão real, a mídia fornece uma “extraterritorialidade virtual”, “substituta” ou “imaginada”. (BAUMAN, 2005, pg 104).

Esse momento atual da identidade coincide, ainda, com o advento da comunicação pela Internet, onde prevalece o paradigma todos-todos. Esse novo espaço, que Pierre Levy chama de espaço do saber, ou ciberespaço, é o local do intelectual coletivo. A identidade desse que permeia esse território é distribuída e nômade, e se faz em oposição à identidade de pertença (LEVY, 2000).



A americana Sherry Turkle destaca que:

Na história da construção da identidade na cultura da simulação, as experiências na Internet ocupam um lugar de destaque, mas essas experiências só podem ser entendidas como parte de um contexto cultural mais vasto. Esse contexto é a história da erosão das fronteiras entre o real e o virtual, o animado e o inanimado, o eu unitário e o eu múltiplo, que está a ocorrer tanto nos domínios da investigação científica de ponta como nos padrões da vida quotidiana. (TURKLE, 1997, pg 12).

Essa erosão, que hoje se encontra em estado mais avançado, permite que se extrapole conseqüências das experiências vividas na Internet como analogias se não simulações das experiências vividas no dia a dia. A própria Turkle destaca que as experiências com múltiplas identidades on line ajudam a desenvolver novas idéias sobre a multiplicidade identitária experimentada no quotidiano.

Como considerações finais, podemos destacar que a linguagem, comunicação e identidade estão intimamente ligadas. As modificações que sofre a linguagem e as formas por meio das quais ela é comunicada entre os seres humanos se inter-relacionam diretamente como os modelos de identidade possíveis, assim como se eles vão ter uma característica “sólida”, ou “líquida”, fixa ou móvel, unitária ou múltipla.

Percebemos que os paradigmas atuais de comunicação propiciam, se não incentivam, a multiplicidade de identidades, levando alguns a pensarem mesmo em sua supressão. A fragilidade das meta-narrativas, o fim dos grandes discursos, e a ascensão e queda de personagens referências em velocidades estonteantes contribuem para essa multiplicidade.

A Internet pode ser um bom laboratório para se desenvolver a habilidade em se lidar com esses novos tempos de identidades múltiplas.

## Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Introdução a antropologia da supermodernidade. 4ª ed. Campinas – SP. Papyrus, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2000.

CASTELLS, Manoel. **O poder da identidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002. in A era da informação: Economia, sociedade e cultura. Vol 2.



EDGAR, Blake; JOHANSON, Donald. **From Lucy to language**. New York Nevraumont Publishing Company, 2001.

LEAKEY, Richard. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro. Rocco, 1997.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. por uma antropologia do ciberespaço. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MAFFESOLI, Michel **No fundo das aparências**. 2ª ed. Petrópolis – RJ. Vozes, 1998.

PARÍS, Carlos. **O animal cultural**. São Carlos – SP. Edufscar, 2004.

SOUZA, Carlos H.M. **Comunicação Educação e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro: FAFIC. 2003

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã. A identidade na era da internet**. Lisboa, Relógio D'água, 1997.